

DOSSIÊ NA SALA DE AULA: LITERATURA PARA QUÊ E PARA QUEM? APRESENTAÇÃO

[IN THE CLASSROOM: LITERATURE FOR WHAT AND FOR WHOM?
PRESENTATION]

Alexandre Simões Pilatiⁱ

ORCID 0000-0003-1811-2118

Universidade de Brasília – Brasília, DF, Brasil

Eleonora Ziller Camenietzkiⁱⁱ

ORCID 0000-0002-4820-2694

Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Irenísia Torres de Oliveiraⁱⁱⁱ

ORCID 0000-0003-1331-4300

Universidade Federal do Ceará – Fortaleza, CE, Brasil

Este número da revista foi pensado antes que nossas vidas fossem devastadas pela pandemia provocada pelo Coronavírus e sua chamada divulgada exatamente quando ela atingiu o seu auge. Portanto, alguns artigos já foram contaminados, iniciando uma reflexão que, sem dúvida, terá, mais à frente, o aprofundamento devido. Partindo da provocação inicial do clássico texto de Antonio Candido, “Direito à literatura”, foram selecionados artigos que discutiram criticamente a atualidade do direito à literatura, envolvendo questões teóricas, metodológicas e críticas acerca do ensino de literatura no Brasil contemporâneo. A seleção foi feita de modo que pudéssemos compor um leque de abordagens que refletisse quais seriam os principais desafios desse vasto campo que denominamos “ensino de literatura”.

O dossiê é aberto por um artigo de vocação ensaística, “Arte e Literatura: esperança vã de avós ou sonho acordado das civilizações?”. O autor desenvolve sua reflexão no período entre o contexto do discurso de Antonio Candido sobre literatura e direitos humanos, em 1988 – como uma espécie de síntese das esperanças humanistas e revolucionárias do século XX –, e o contexto atual do país, corroído por “pragas e pestes”. A proposta que o artigo traz é de integração de esferas do pensamento e da vida, com a literatura ganhando em compartilhar com outras artes sua face de construção estética. Soma-

se aqui a inspiração de Raymond Williams, na sugestão de trabalhar com os alunos pequenas sequências de filmes ou mesmo apenas um quadro (ou fotograma), ou apenas o som de um filme, para aguçar a percepção de como formas são construídas. Mesmo consciente do que há de questionável na visão do intelectual educador das massas, o autor sustenta a ideia da possibilidade de formação humana pela arte e a literatura. Com isso, repropõe a questão de uma educação humanizadora e crítica.

No âmbito temático que abarca a discussão da noção de direito à literatura em relação aos desafios contemporâneos, o artigo seguinte, “Travessias: palavra-imagem” apresenta o Projeto “Travessias”, experiência de extensão baseada em tradução intersemiótica ou transcrição. Além de se configurar como “relato de experiências”, o texto realiza de modo instigante um debate relacionado a conceitos-chave da tradição dos estudos materialistas e referidos às discussões sobre leitura literária. A articulação entre a discussão teórica em alto nível e a atuação prática do projeto evidencia as possibilidades de caminhos para desdobramentos contemporâneos da prática do ensino de literatura. Também é com desafios contemporâneos que se defronta o texto “Leituras compartilhadas: comunidades de leitores e escrita colaborativa na internet e o ensino de literatura para os leitores conectados”. O artigo busca discutir as relações entre o ensino de literatura e estratégias didático pedagógicas relacionadas ao uso de ferramentas da Internet para a formação de leitores literários. O seu relevante esforço concentra-se em evidenciar o quanto tais ferramentas podem contribuir para o acesso dos estudantes em formação ao patrimônio literário. Pela sua característica de atenção aos mecanismos contemporâneos de transmissão da literatura, o texto instiga a reflexão sobre que conceitos de literatura seriam efetivos para uma prática ao mesmo tempo emancipadora e “antenada” com as novas tecnologias, algo que tomou uma nova dimensão após a pandemia da COVID-19 que lançou ainda mais a educação na seara das interações remotas mediadas pelas TICs.

“A Aprendizagem da Travessia: Espaço do Leitor no Grande Sertão: Veredas” abre um conjunto de textos com enfoque na formação dos leitores, e considera as exigências implicadas na leitura do romance de Guimarães Rosa. A base teórica central é a Estética da Recepção, de Jauss e Iser. O autor trabalha com a ideia de que um romance como o Grande Sertão: Veredas constrói o leitor tanto quanto o leitor é chamado a construí-lo. Para explicitar isso, traz e discute vários trechos do romance, em que a relação

narrador/leitor torna-se decisiva para a própria narrativa. A conclusão do artigo é que a travessia da leitura desse romance implica também um processo de construção da autonomia do leitor.

Em “Voo direto ou em escalas?: clássicos da literatura brasileira por meio de releituras”, discute-se também o caminho entre o leitor e as obras literárias clássicas, mas examinando um caminho que tem sido feito normalmente por fora, mediado por releituras adaptadas à linguagem e aos interesses dos jovens. A autora analisa releituras de *A Moreninha* e *Dom Casmurro* e indaga em que medida elas estabelecem uma ponte para a leitura mais exigente, no sentido de preparar o leitor para eventuais dificuldades, ou apenas simplificam as obras, convertendo-as literalmente em paradidáticos, e adiando o enfrentamento das dificuldades de leitura para o jovem. Na conclusão, o artigo propõe uma alternativa de caminho por dentro para o acesso aos clássicos, mediante seleção num universo muito vasto de obras, que leve em consideração a construção e a formação estética, assim como os interesses, possibilidades e potencialidades dos jovens.

De olho ainda no leitor, só que não no leitor que queremos formar, mas no jovem leitor real, apresenta-se o artigo “Tal mediador, qual leitor? – Respostas de Jovens Leitores do Ensino Médio Integrado”. O texto traz os resultados de uma pesquisa sobre leitura e o processo de formação do leitor, mediante aplicação de um questionário com perguntas que versam sobre como os jovens se tornaram leitores, que referências tiveram, o que leem. Como sempre acontece com pesquisas em realidades concretas, com sujeitos concretos, surge um universo bastante variado, menos coerente ou previsível do que se pode esperar em termos abstratos. As respostas dos jovens e as reflexões feitas pela professora permitem a compreensão de que a formação do leitor segue um paradigma de todo processo formativo, como tão bem foi percebido por Paulo Freire: ele é uma partilha, que acontece com o engajamento dos sujeitos. Leitores se formam sempre, portanto, numa comunidade de leitores, que, também, pode ser a escola.

Mas, se vamos pensar a formação de uma comunidade de leitores na escola, por quais indagações devemos começar? Será dessa forma que o artigo “Sensibilização para o gosto literário: práticas, sujeitos, estratégias e espaços de formação” dará início à sua reflexão: “as metodologias de ensino de literatura tradicionalmente aplicadas nas escolas podem gerar aversão ao texto literário? O incentivo e o exemplo da família e da escola podem influenciar no gosto pela leitura de maneiras diferentes? Em que medida o sujeito

que recebeu estímulo para a leitura, desde a infância, poderá ser mais afeito à leitura literária? O perfil socioeconômico das famílias e o nível de letramento dos pais influenciam na formação do gosto literário desde a infância?” São questões que devem estar presentes quando pensamos o papel dos professores de língua portuguesa nesse amplo processo, mas principalmente o professor do ensino fundamental I. A reflexão se desdobra em torno da escola, da família, do livro didático e professor. Com amplo apoio bibliográfico, o artigo coloca de pé um importante debate sobre os desafios aos quais precisamos responder, sendo que sua proposição central é a de que “nós nos formamos leitores, se formos adequadamente provocados para isso”.

Nesse âmbito, alguns artigos se destacam pelo fato de fazerem de tal desafio o centro da sua abordagem. É o caso de “Há Vaga Para Flicts: A Literatura Infantil tem Cabimento na Formação Humana”, que apresenta, a partir da concepção de Antonio Candido expressa em "O direito à literatura" e da concepção de "literatura infantil" colhida em Regina Zilberman, uma análise da obra *Flicts*, de Ziraldo. O esforço por abordar literariamente e com rigor a obra de Ziraldo é bastante louvável e a maneira como busca relacionar a literatura infantil como base para a formação humana. Em “A literatura distópica e o incentivo à leitura” segue-se a mesma trilha – debruçar-se diretamente sobre os textos literários - para enfrentar os desafios à formação do leitor, mas dessa vez voltada para aquele que talvez seja o público mais complexo de ser compreendido e para o qual mais faltam iniciativas e políticas de incentivo, que são os estudantes do ensino médio. Para isso, as autoras arriscam-se no nosso contemporâneo imediato e propõem a leitura de *Corpos secos*, lançado recentemente, e que já permite discutir o cenário de pandemia que experimentamos.

Mas como se formam os professores a quem é lançado o desafio da formação do leitor? Esse é com certeza um dos temas mais urgentes de serem investigados. O artigo “Letramento literário em perigo: a experiência com o texto literário em cursos de licenciatura em Letras” busca discutir a presença da literatura na formação dos estudantes de licenciatura em Letras. A nota de destaque do texto é a reflexão acerca do quanto se deveria considerar relevante o debate sobre o ensino de literatura em cursos de formação de professores de língua portuguesa e literatura no Brasil, especialmente face à nova Base Nacional Comum Curricular dos níveis fundamental e médio, e do chamado Novo Ensino Médio brasileiro.

Ainda tratando do ensino superior, um novo campo tem se estruturado mais recentemente, que são os estudos de ensino de literaturas estrangeiras e de português como língua estrangeira ou adicional, que é o da prática pedagógica baseada no uso de textos literários considerando a sua especificidade estética. Sob esse enfoque, temos dois artigos que trazem uma contribuição relevante para propormos uma pauta de problemas a serem enfrentados. São eles: “Pensando o ensino de literaturas de língua espanhola na Educação Superior” e “Literatura nas Aulas de Inglês Língua Estrangeira no Contexto Educacional Brasileiro”. Como se trata de um campo em formação, a discussão aqui proposta tem todo o interesse e encaminha a reflexão do leitor para a necessidade de parametrização do que seria efetivamente uma leitura literária capaz de mobilizar conhecimentos e competências dos estudantes e articulá-las à percepção da natureza da literatura. Também buscando um início de compreensão, destaca-se o texto “Literaturas Anglófonas e ensino em meio à pandemia de Covid-19: uma experiência no Sul do Brasil”. Trata-se do anúncio dos desafios que virão, pois mal começamos a atravessar o que será uma experiência decisiva, podendo se caracterizar como um verdadeiro divisor de águas em nossa história.

Há ainda muito a ser pensado sobre as mudanças operadas no campo literário nessas primeiras décadas do século XXI. Se a leitura do texto de Antonio Candido hoje nos provoca um sentimento de urgência pela força de suas palavras – quando nos convoca a defender a necessidade de dessegregação social da arte e da literatura – também nos leva a perceber que algumas questões centrais para o crítico estão a exigir maior debate. São essas indagações que nutrem os dois últimos artigos, “As viagens de um Gulever – o ensino de literatura como (re)existência na contemporaneidade” e “Sobre musas e muros: literatura, ensino e o conceito de bem social”. O debate exige atualização no contexto atual, que não é o de 1988.

Enfim, ao concluir o trabalho desse dossiê confirmamos nossas expectativas: a discussão que propusemos é das mais urgentes. “Direito à literatura”, além de ser um texto sobre a literatura e a arte, é parte de uma luta muito maior de democratização da sociedade brasileira, que teve como ponto de chegada a promulgação da Constituição de 1988. A remoção do entulho autoritário era a palavra de ordem do momento, e o texto, apesar da sobriedade e discrição do autor, contém alguma dose do otimismo da época: “É verdade que a barbárie continua até crescendo, mas não se vê mais o seu elogio, como se

todos soubessem que ela é algo a ser ocultado e não proclamado”. A sociedade brasileira vem assistindo ao elogio da barbárie, proferido por ocupantes do poder central, e os retrocessos não param por aí. A situação toda é alarmante, mas agora entendemos melhor que a hipocrisia das classes dominantes, “consciência” atingida pelo medo da ruptura social, como diz Candido, é um ponto frágil a ser rapidamente ultrapassado. A necessidade de democratização da literatura e da arte liga-se agora, como naquele momento, à necessidade de transformar o país desigual e injusto. Neste volume, temos em mãos muitos e variados esforços nessa direção. Não só nos artigos que publicamos, mas também nos outros que não tivemos espaço para publicar, mas que atestam o vigor e a relevância do problema. A todos que participaram dessa empreitada, o nosso reconhecimento e gratidão.

ⁱ **Alexandre Simões Pilati** é Professor Associado de Literatura Brasileira na Universidade de Brasília, Doutor em Literatura pela UnB (2007). Pesquisador e professor na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, poesia, atuando principalmente nos seguintes temas: formação nacional e sistema literário brasileiro, literatura e pensamento crítico, crítica literária dialética, teoria da linguagem poética, ensino de literatura, teoria da canção e sistema cancional brasileiro. Realizou estágio Pós-Doutoral na Facultad de Filosofia y Letras da Universidad de Buenos Aires - Argentina (2015). Foi coordenador-adjunto do Curso de Aperfeiçoamento Educação, Pobreza e Desigualdade Social (MEC-UnB/2017-2018). É Diretor Técnico de Extensão do Decanato de Extensão da Universidade de Brasília (DEX-UnB) e vice-coordenador do GT Literatura e Sociedade da ANPOLL. **E-mail:** alexandrepilati@unb.br

ⁱⁱ **Eleonora Ziller Camenietzki** possui graduação em Português-Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1987), mestrado e doutorado em Letras (Literatura Comparada) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2001), onde trabalha desde 1986. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Comparada, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura e sociedade, literatura brasileira, poesia contemporânea, com estudos sobre Ferreira Gullar e Francisco Alvim. Desenvolve projetos de extensão e de pesquisa com ênfase na construção de novas práticas para a leitura e a crítica literárias, e na proposição de novos parâmetros para o ensino de literatura. Foi diretora da Faculdade de Letras da UFRJ de 2010 a 2017. Durante o ano de 2018 iniciou pesquisa de pós-doutorado na Università Degli Studi di Napoli Federico II desenvolvendo estudos de Literatura e Cinema. **E-mail:** eleonoraziller@uol.com.br

ⁱⁱⁱ **Irenísia Torres de Oliveira** possui graduação em Letras/Alemão pela Universidade Federal do Ceará (1992), mestrado em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1999), doutorado em Letras pela Universidade Federal Fluminense (2003) e Pós-Doutorado no Instituto Peter Szondi de Literatura Geral e Comparada da Universidade Livre de Berlim (2010). É professora associada da Universidade Federal do Ceará. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Teoria Literária e Literatura Comparada, atuando principalmente nos temas modernidade literária, literatura do século XX no Brasil, Teoria Crítica e Escola de Frankfurt, em abordagem que considera e investiga as relações entre literatura, história e sociedade. **E-mail:** irenisia@uol.com.br